



**CENTRO UNIVERSITÁRIO PRESIDENTE TANCREDO DE ALMEIDA NEVES**

**ANA CAROLINA CANAAN FRÂNÇA SOCORRO**

**VIVÊNCIA DA PATERNIDADE : DIFICULDADES E IMPORTÂNCIA DO PAPEL  
MASCULINO E A ENFERMAGEM COMO PROTAGONISTA DE APOIO NESTE  
MOMENTO**

**SÃO JOÃO DEL - REI / MG**

**2018**

ANA CAROLINA CANAAN FRÂNÇA SOCORRO

**VIVÊNCIA DA PATERNIDADE : DIFICULDADES E IMPORTÂNCIA DO PAPEL  
MASCULINO E A ENFERMAGEM COMO PROTAGONISTA DE APOIO NESTE  
MOMENTO**

Artigo científico apresentado ao Curso de Enfermagem do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves – UNIPTAN como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Enfermagem, sob orientação da Prof.º Gilberto

SÃO JOÃO DEL –REI / MG

2018

## VIVÊNCIA DA PATERNIDADE : DIFICULDADES E IMPORTÂNCIA DO PAPEL MASCULINO E A ENFERMAGEM COMO PROTAGONISTA DE APOIO NESTE MOMENTO

Socorro, Ana Carolina Canaan França <sup>1</sup>

<sup>1</sup>Graduanda de enfermagem DO Centro Universitário Tancredo de Almeida Neves

### RESUMO

Culturalmente a paternidade era vista com o papel de provedor do lar, mas na verdade cabe ao pai assumir tarefas desde ao cuidado até a educação do filho. Sabe-se que há diversos benefícios para mãe e bebê quando o pai auxilia na gestação, momento do parto, fase puerperal e em toda a vida do filho, mas muitos pais não participam deste momento pois possuem dificuldades de entender a paternidade e até mesmo no primeiro momento não se sentem pais de verdade, já que não sentem o bebê em seu ventre. Cabe ao enfermeiro assistir não somente a mãe, mas também ao pai e incentivá-lo a se sentir pai desde o momento da gestação, assumindo responsabilidades e curtindo todos o processo de desenvolvimento do seu filho. Existem até mudanças na legislação, garantindo ao pai direitos como a licença a paternidade e deveres como pagar alimentação alimentícia no intuito de fazer com que pais assumam seus filhos e consequentemente gerem benefícios na vida destes.

**Palavras-chave:** Paternidade; Enfermagem; Assistência de Enfermagem.

### 1 INTRODUÇÃO

Culturalmente o homem é visto como provedor do lar, mas ultimamente se estabeleceu a importância do papel da paternidade, e cabe a este pai participar de todas as etapas da vida dos filhos. Sabe-se que o vínculo paterno efetivo promove um melhor desenvolvimento do filho em todos os aspectos desde a gestação, crescimento e formação como ser humano. A presença do pai também é importante para a mãe auxiliando inclusive na evolução do parto e amamentação<sup>1,2</sup>.

Porém, quando o pai se depara com a notícia da paternidade ele passa por etapas que envolvem medo, ansiedade e peso das responsabilidades, e na maioria dos casos ele não recebe amparo e orientações como a mãe. Geralmente o envolvimento do pai durante o pré-natal é restrito apenas como acompanhante. Na nossa realidade falta a inserção do pai de maneira efetiva, e muitas vezes mesmo quando este quer participar ele encontra barreiras, como por exemplo, a lei do direito ao acompanhante no momento do parto que nem sempre é respeitada<sup>3</sup>.

O pai não se torna pai da noite para o dia, ele precisa aprender a ser pai, se adaptar à nova rotina, e o preparo para tal situação é justamente na gestação, e por isso a importância do pai estar presente no pré-natal. Não só presente, mas cabe a enfermagem inserir este pai em toda a espera pelo bebê, e também orientá-lo e assisti-lo durante a gestação<sup>4</sup>.

Após o nascimento o pai também tem suas atribuições, inclusive se o bebê necessitar ficar hospitalizado e também cabe a enfermagem estimular e facilitar essa aproximação pai-filho. A exemplo de uma forma de aproximar o pai de um bebê pré-termo é o método canguru. Este vínculo acarreta diversos benefícios para criança, para o próprio pai e também para toda família<sup>5,6</sup>.

Este estudo se justifica pela necessidade de se verificar como a população enxerga a paternidade, e como ela tem sido encarada no Brasil, salientando quais os benefícios da paternidade efetiva e do papel do enfermeiro em assistir e auxiliar essa assimilação de nova formação de família.

Trata-se de um estudo qualitativo de revisão narrativa/crítica. A fase de coleta de dados ocorreu no período de fevereiro a junho de 2018, os descritores utilizados foram “paternidade”, “enfermagem” e “assistência”. Foi utilizada a seguinte base de dados Scientific Electronic Library Online (Scielo), . Foram identificados artigos entre o ano de 2013 a 2018 e neste estudo utilizou-se 23 artigos.

## **2 PATERNIDADE**

A paternidade é algo vivenciado por cada família de maneira diferente e é algo que vem se transformando continuamente, pois há algumas décadas atrás a mulher era vista como a responsável pela criação do filho, não tendo muito envolvimento do pai em tarefas ligadas ao bebê e até mesmo um distanciamento emocional, mas com a inserção da mulher no mercado de trabalho, os pais muitas vezes são obrigados a redefinir seus papéis, e hoje muitos desempenham tarefas com os filhos equiparados à mãe<sup>6</sup>.

Também existe a visão tradicional, de que homens não se envolvem com a saúde, casa e filhos, e, portanto, se distanciam da vivência da gravidez. Porém, na modernidade, devido a transição do modelo familiar, os homens principalmente quando incentivados assumem sim uma visão diferente, apesar que em alguns momentos estes traços da paternidade tradicional podem ser evidenciados<sup>1</sup>.

Ainda é cedo para afirmar que os pais atuam na vida dos filhos de maneira equivalente as mães, mas com uma forte tendência para tal, pois eles vivem no conflito do tradicionalismo de serem exclusivamente provedores do lar ao de atuarem como pais presentes, sem diferenças nítidas dos papéis da maternidade e paternidade para com os filhos<sup>7</sup>.

A realidade é que os pais se socializam de maneira inferior as mulheres nos cuidados com os filhos, muitas vezes até mesmo por falta de informações ou aspectos culturais. A

sociedade prega muito em relação a virilidade do homem exigir dele apenas aspectos financeiros e apesar da evolução deste conceito e maior integração do pai, existem poucos estudos voltados para esta temática<sup>8</sup>.

O pré-natal é a assistência prestada ao binômio mãe e bebê e que deve se estender a sua família que deve ser iniciado ainda na fase do planejamento de um filho e se estende até o puerpério, e compreende consultas e exames que são realizados em prol de verificar a saúde e desenvolvimento da gestação, mas também engloba ações educativas para o preparo da chegada de um bebê<sup>9</sup>.

A paternidade muitas vezes é dividida por etapas, no primeiro momento quando se descobre que será pai de um primeiro filho, o homem diferente da mãe não sente a paternidade fisiologicamente, e muitos sentimentos o envolvem, que vão desde a alegria e euforia, até mesmo medo e afastamento, muitas vezes pelo desconhecimento do real papel do pai na vida de um filho, ou ainda por não querer assumir uma responsabilidade julgada como tão grande<sup>2</sup>.

Muitos pais apontam o quão importante para se tornar pai ter um referencial paterno e familiar positivo, pois implica no desejo de promover ao seu filho a mesma experiência. Mas muitos que não tem um bom referencial paterno usam tal experiência para comprovarem a necessidade de serem pais diferentes dos que tiveram, por não quererem que seus filhos sintam a mesma dor que eles sentiram<sup>1</sup>.

O que vemos é que muito se fala em preparação para ser mãe, mas há uma lacuna, onde pouco se fala na preparação para se tornar pai, e essa preparação deve ser feita justamente na gravidez, onde o pai enfrenta conflitos internos, uma variação de sentimentos e dúvidas, pois o homem de fato só se sentirá pai completamente quando o bebê nascer, antes ele sente estresse, ansiedade, afastamento e o peso da responsabilidade<sup>10</sup>.

A preparação para a chegada do filho ocorre justamente na gravidez, tanto para a mãe quanto para o pai, e por isso a importância do pré-natal. Mesmo sendo de tão grande importância, muitas vezes o pré-natal não é realizado ou é realizado de maneira deficiente, o que pode culminar em complicações para a mulher e o bebê. E para a realização do pré-natal de maneira efetiva deve-se haver uma junção entre o bom trabalho da equipe de saúde que irá fazer o acompanhamento e o comprometimento da mãe e do pai<sup>9</sup>.

O pai, assim como a mãe, deve assumir suas responsabilidades com o desenvolvimento da criança ainda na gestação, acompanhar as consultas, frequentar os grupos de gestantes, pois ele precisa se preparar para o nascimento da criança, e além das responsabilidades financeiras e do vínculo que deve ser criado, o pai também tem que conseguir assumir os cuidados ao bebê<sup>10</sup>.

No momento do parto, o pai é uma figura de extrema importância para a mulher, auxiliando inclusive nas chances de sucesso de um parto natural, mas também é neste momento que ele realmente se vê pai e se encoraja a participar da vida do bebê. É o momento de maior ligação entre o pai e o bebê, onde o vínculo entre eles se torna forte<sup>11</sup>.

Todavia, o pai encontra dificuldades não somente culturais, mas também de vivência, sentindo dúvidas, medos e sequer tem a possibilidade de se expressar. Logo no pós-parto apenas a mulher e o bebê são vistas com atenção, gerando também angústia e frustração, o que os leva muitas vezes a se afastar da participação deste processo familiar<sup>3</sup>.

Variados fatores interferem neste processo de gestação e parto, o homem necessita se sentir pai e assumir suas responsabilidades, mas ele assim como a mulher necessita receber um cuidado humanizado que visa aspectos emocionais e culturais. Para o homem “grávido” muitas vezes é necessário ver exames de imagem para que de fato se sintam pais, outros necessitam de uma conversa, de um esclarecimento de dúvida. Quando casado com a mãe da criança, ele necessita entender o que se passa com ela para também saber conviver com as mudanças de humor e até alterações físicas que ocorrerão<sup>10</sup>.

Nas primeiras semanas de vida do bebê, a mãe é vista como essencial até mesmo devido a questão biológica da amamentação e o pai muitas vezes se sente excluído. Além disso, é um processo de adaptação, onde toda a rotina familiar é modificada, como as horas de sono, as visitas frequentes e os cuidados necessários ao bebê e é neste contexto que o pai precisa ser incluído<sup>11</sup>.

Mesmo diante de tantas modificações no papel paterno, ainda existem poucos estudos científicos que norteiam esse novo papel que o homem tem encarado. É necessário elaborar planos para que o pai se sinta útil e desejado neste contexto familiar, que possa, bem como a mulher se expressar, participar e ser valorizado para o bom crescimento dos filhos, não sendo somente provedor da família<sup>7</sup>.

### **3 OLHAR DO ENFERMEIRO PARA O PAI GRÁVIDO**

O pai é um ser relevante na vida da criança mesmo antes que ela venha a nascer, pois o vínculo paterno influencia na autoestima da mãe, sabe-se que a participação ativa do pai diminui as horas de trabalho de parto, favorece a amamentação, mantém o bebê mais tranquilo e com melhor desenvolvimento, sem falar que com o decorrer do tempo o vínculo entre pai e filho se fortalece ainda mais favorecendo o poder educativo desta criança<sup>10</sup>.

Entretanto, assim como a mulher, o companheiro também apresenta necessidades especiais desde o período que inicia na descoberta da gravidez até o momento do puerpério. Estas necessidades são provenientes das transformações decorrentes da chegada de um bebê

que altera toda a rotina do casal e família, ou mesmo para aqueles que não mantêm vínculo amoroso ocorrem modificações particulares. É preciso que o enfermeiro saiba atender essas necessidades através de educação em saúde<sup>4</sup>.

A paternidade na adolescência merece um olhar mais especial, pois uma gravidez na adolescência não planejada, gera impactos nos estudos, nas relações com os pais, nas relações profissionais, e é necessário que ele este adolescente seja estimulado a participar da gestação e da criação do filho, assumindo assim o seu papel de pai<sup>12</sup>.

É crescente o número de pais que de fato participam efetivamente da gestação e desenvolvimento do filho intra e extrauterino, mas há muitos pais que ainda encontram resistentes a ideia de que pai não é apenas o provedor do lar, e que deve se envolver emocionalmente com todo o processo de paternidade. Alguns pais precisam ser estimulados a de fato se tornarem pais por completo<sup>5</sup>.

A enfermagem tem papel no cuidar e este cuidar não é apenas atuando nos cuidados essenciais no processo saúde-doença, mas também realizando papel educativo que é primordial para que a saúde seja preservada. Durante a gestação o pai deve se tornar o acompanhante mais presente na vida da mulher, mesmo que entre eles não exista vínculo afetivo, pois neste momento vivenciarão juntos todas as transformações decorrentes do desenvolvimento da criança, sanarão dúvidas e no parto e puerpério viverão essa realidade<sup>4</sup>.

De acordo com a revisão de Mata e Shimo (2018), durante a gestação apesar do bebê ser apenas algo visto no imaginário dos pais, é ainda nesta fase que é iniciado o vínculo, e este recebe o nome de Vínculo Pré-Natal (VPN). O VPN deve ocorrer, sendo benéfico para o bebê e prazeroso para os pais e pode ser estimulado de diversas formas, inclusive com a arte de pintura no ventre materno, que é uma forma de personificar o bebê de forma a sentir o amor, a necessidade de proteger de maneira mais evidente, assim como conversar com o bebê. Cabe ao enfermeiro estimular tais práticas, demonstrando sua eficácia para VPN, mas também para a satisfação familiar<sup>13</sup>.

O enfermeiro, principalmente o enfermeiro obstetra deve ter um olhar clínico sobre a mulher durante toda a gestação e puerpério, estendendo á sua família e ao pai da criança, pois todo o contexto que essa mãe e criança for inserida influencia no desenvolvimento positivo ou negativo do parto e também do recém-nascido (RN). A assistência prestada a essa família deve ser humanizada e visando minimizar os desafios existentes<sup>4</sup>.

Mesmo sabendo que a visão universal e antiquada é do pai apenas como provedor, o pai pode assumir responsabilidades de cuidados a mulher gestante e posteriormente a puérpera e ao RN, o que não diminui sua virilidade, e evita a sobrecarga da mãe. Mas para tal eles

necessitam ser motivados a participar tanto no auxílio financeiro, quanto se envolverem emocionalmente e nas atividades de rotina ainda na gestação<sup>14</sup>.

Cabe a enfermagem se sensibilizar que a experiência da paternidade além de única para cada homem, envolve preconceitos, culturas, dúvidas e anseios. Muitas vezes o pai se depara com um cotidiano conturbado, uma mulher carregada de emoções devido a mudanças hormonais própria da gestação, um relacionamento sofrendo modificações porque a mulher também está se acostumando com a ideia de ser mãe, ele ainda tem as diversas obrigações externas como trabalhar, custear os gastos referentes a gestação e futuramente ao filho<sup>5</sup>.

Em salas de parto é evidenciado a importância do pré-natal para um decorrer de trabalho de parto tranquilo e com a mulher participativa, mas também se alerta para a importância da participação do acompanhante para o desenvolvimento deste parto, e este acompanhante sendo o pai da criança há uma otimização do processo, pois aumenta o vínculo futuro dele e da criança, sendo então um pai com ação efetiva na educação do filho. Mas o pai não se sente pai da noite para o dia, nem mesmo somente no momento do parto, ele necessita ser acompanhado, para que se diminua seus medos e ansiedade e se sinta pai<sup>15</sup>.

Sabe-se que existem profissionais ou instituições de saúde que acabam criando barreiras que impedem a participação integral e efetiva dos pais gravídicos, mesmo que atualmente houve avanços quanto a este papel participativo do pai, ainda existem deficiências que levam a dificuldades por despreparo da equipe, como por exemplo, estruturas físicas de maternidades impedem que pais sejam o acompanhante da mulher, levando a um afastamento do pai no momento do parto<sup>16</sup>.

#### **4 BENEFÍCIOS DO VÍNCULO PATERNO**

A participação dos pais na gestação resulta em diversos benefícios para mãe e bebê, e até mesmo para o próprio pai. O pai que assume a paternidade ainda na gravidez, e apesar de toda a sua ansiedade atua de maneira efetiva ao lado da mãe do bebê, garante que no parto a mulher se sinta mais segura e o bebê fortalecido, levando a diminuição do tempo de trabalho de parto, diminuição da necessidade do uso de medicações durante o parto, diminui a necessidade da realização de cesáreas e aumenta o Apgar no bebê<sup>2</sup>.

Logo após o parto, a situação que muitas vezes gera estresse na puérpera e no recém-nascido é a amamentação, mas que o pai é um coadjuvante essencial para que ela ocorra de maneira contínua. O pai deve vivenciar junto a mãe do bebê as dificuldades e vitórias deste momento, e cabe a ele incentivá-la com elogios que a encorajem a prosseguir na amamentação exclusiva e apoiá-la. E para que isto ocorra cabe a equipe de enfermagem prestar orientações e

assistir mãe e pai durante a gestação, afim de mostrar a eles a importância da amamentação para a saúde da criança<sup>17</sup>.

Entretanto os pais devem incentivar a amamentação não só levados pelos benefícios que esta garante ao bebê, mas também levando em consideração que a amamentação é importante para a mulher, no aspecto de vínculo, mas também garantindo benefícios reais na saúde da mãe<sup>18</sup>.

Inclusive, uma conquista jurídica determina cinco dias de licença a paternidade para que o pai possa apoiar a mulher que acabou de dar à luz. Anteriormente o pai se ausentava do trabalho apenas um dia, e a lei alegava que era necessário apenas para registra a criança, porém atualmente a lei reconhece que cada vez mais o pai necessita estar envolvido com a paternidade para que se consolide o afeto na relação familiar<sup>19</sup>.

A licença a paternidade significa gastos governamentais, mas mesmo assim foi implementada por associarem este tempo do pai junto a criança aos benefícios inclusive para o desenvolvimento infantil, como por exemplo, melhora da performance cognitiva e comportamental da criança<sup>20</sup>.

Há ainda famílias que enfrentam o nascimento de bebês prematuros ou portadores de alguma patologia que requer internação em Unidades de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), exigindo deles uma dedicação ainda maior, e também gerando estresse. Geralmente pelo fato das puérperas estarem em pós-parto imediato, os pais que vão a UTIN primeiro, e precisam ser acolhidos proporcionando um contato com o filho que aumentem as chances de sobrevivência e desenvolvimento do bebê, e tão logo possível, o contato pele a pele precisa ocorrer<sup>5</sup>.

Salientando a ideia de como um recém-nascido pré-termo gera estresse na família, por estes estarem despreparados para tal situação é que muitas vezes somente a mãe fica responsável por acompanhar o bebê hospitalizado. A consequência desta atitude vai muito além do momento da internação, causando um afastamento do vínculo pai- filho mesmo após a alta hospitalar, podendo resultar inclusive no abandono infantil. Diante desta realidade é necessário que a equipe da UTIN, principalmente a enfermagem acolha essa família e crie maneiras de aproximar o pai também da criança<sup>5</sup>.

O método canguru, que é uma metodologia proveniente da Colômbia, propicia o contato pele a pele precoce da mãe e do filho para que ele se desenvolva mais rapidamente, tendo como coadjuvante o pai. Em casos que a mãe é propícia para realizá-lo o pai pode acompanhar, revezar com ela e incentivar. E em casos que ela se torna impedida de realizá-lo o pai pode substituí-la. Levando assim a uma aproximação do pai e filho e garantindo um melhor desenvolvimento para a criança<sup>6</sup>.

E o pai mais envolvido com a criança vai muito além do momento da gestação, parto ou até mesmo internações em UTIN, os pais devem assumir um papel constante na vida dos filhos. Participando efetivamente do desenvolvimento físico e cognitivo dele, auxiliando a mãe nos cuidados e também oferecendo amor e educação, pois todos estes fatores influenciam diretamente o caráter do ser humano ali criado<sup>21</sup>.

A interação do pai em cuidados com o filho, como trocar fraldas, dar banho ou colocar para dormir nos primeiros meses de vida deve se estender a participação de brincadeiras com a criança no segundo e terceiro ano de vida. E isto beneficia no desenvolvimento escolar da criança, melhorando o desempenho em atividades de leitura e comunicação<sup>20</sup>.

Na fase da adolescência o pai continua sendo fundamental para o desenvolvimento do filho. Muitas vezes nesta fase o filho se torna egocêntrico e parece não devolver ao pai o afeto recebido, mas isto ocorre devido à complexidade de emoções vivenciadas nesta idade, porém é de grande contribuição para a formação do caráter do filho, o pai permanecer presente e anos depois este filho irá reconhecer tal atitude<sup>22</sup>.

Mesmo com todo o empenho para que o pai assuma efetivamente a paternidade trazendo benefícios para a mãe, criança e inclusive para si próprio, muitos pais abandonam seus filhos, e acabam por cumprir apenas obrigações judiciais, como pagamento de pensão alimentícia. E nestes casos, conforme o contexto familiar e a realidade da criança, podem ocorrer outras formas de paternidade, como avôs ou padrastos que assumem o papel de pai, ou ainda em caso de crianças abandonadas a adoção por casais homoafetivos<sup>23</sup>.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de tal estudo foi possível verificar que o homem frente a paternidade tem papel fundamental, gerando benefícios tanto para a mãe quanto para o filho, e estes benefícios são vistos desde a gestação até a formação do caráter do filho na vida adulta. Porém, a paternidade tem sido vista diferente nos últimos tempos, inclusive a legislação foi modificada criando a licença a paternidade para que haja uma aproximação maior do pai e do recém-nascido, pois culturalmente o pai era visto apenas como provedor da casa. Todas as mudanças culturais em relação a esta visão da paternidade causam mudanças graduais na população, e diante disto muitos pais sentem dificuldades de assumir o papel efetivo da paternidade, pois sequer são orientados como isto deve ser realizado e a importância que tal efetividade possui. O estudo salienta o papel do enfermeiro assistindo este pai e orientando ele para que a paternidade seja assumida por completo.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1 FABBRO, MRC, LIMA, MP. A experiência paterna de pais de “primeira viagem” no cuidado do bebê nos primeiros três meses de vida. **Atas-Investigação Qualitativa em Saúde**, São Paulo, v. 2 2017.

- 2 RIBEIRO, JP, GOMES, GC, SILVA, BT, CARDOSO, LS, SILVA, PA, STREFLING, ISS. Participação do pai na gestação, parto e puerpério: refletindo as interfaces da assistência de enfermagem. **Revista Espaço para a saúde**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 73-82, 2015.
- 3 PETITO, G, DONATO, ADC, RIBEIRO, LO, CÂNDIDO, ACF. A importância do pai no ciclo gravídico puerperal: uma revisão bibliográfica. **Refacer**, Goiás, v. 4, n. 1, 2018.
- 4 GONÇALVES, AS, CARDOSO, TO, GARCIA, CPC. Alojamento conjunto: o papel do enfermeiro obstetra na assistência ao binômio mãe-filho durante o puerpério imediato. Bahia, 2017.
- 5 SOARES, RLSF, CHRISTOFFEL, MM, RODRIGUES, EC, MACHADO, MED, CUNHA, AL. Os significados de cuidar de um filho pré-termo na visão paterna. **Revista Texto e Contexto Enfermagem**, Rio de Janeiro, 2016.
- 6 VIEIRA, ML, BOSSARDI, CN, GOMES, LB, BOLZE, DAS, CREPALDI, MA, PICCININI, CA. Paternidade no Brasil: revisão sistemática. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, 2014.
- 7 PRADO, JC, ABRÃO, JLF. Paternidade: um estudo sobre pesquisas desenvolvidas no contexto brasileiro. **Revista Colloquium Humanarum**, São Paulo, 2014.
- 8 MOREIRA, LE, TONELI, MJF. Abandono Afetivo: Afeto e Paternidade em Instâncias Jurídicas. **Psicol. Cienc. prof.**, Brasília, v. 35, n. 4, p. 1257-1274, 2015.
- 9 MARTINELLI, KG, SANTOS-NETO, ET, GAMA, SGN, OLIVEIRA, AE. Adequação do processo da assistência pré-natal segundo os critérios do Programa de Humanização do Pré-natal e Nascimento e Rede Cegonha. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 56-64, 2014.
- 10 FERREIRA, AD, MARTENDAL, MLN, SANTOS, CMS, BIROLO, IVB, LOPES, R.. Participação do pai no nascimento: sentimentos revelados. **Revista Inova Saúde**, Criciúma, v. 3, n. 2, 2014.
- 11 MATOS, MG, MAGALHÃES, AS, FERES-CARNEIRO, T, MACHADO, RN. Construindo o Vínculo Pai-Bebê: A Experiência dos Pais. **Psico-USF**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 261-271, 2017.
- 12 DUARTE, J.B.; DUARTE, A.C.S. Gravidez na adolescência, questão feminina? Uma reflexão sobre o papel paterno. **Revista Aula Universitária**, Bahia, 2016.
- 13 MATA, JAL, SHIMO, AKK. Arte da pintura no ventre materno e vinculação pré-natal. **Revista Cuidarte**, v. 9, n. 2, p. 2145-64, 2018.
- 14 MARTELLO, NV, WIHELM, LA, CREMONES, L, PRATES, LA, ALVES, CN, RESSEL, LB. Percepções de gestantes acerca da participação do companheiro na gestação. **Centro de Ciências da Saúde UFSM**, Santa Maria, v. 43, n. 2, 2017.
- 15 CARVALHO, IS, COSTA-JÚNIOR, PB, OLIVEIRA, JBP, BRITO, RS. O pré natal e o acompanhamento do processo parturitivo: percepção de enfermeiros. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, Vitória, v.17, n. 2, p. 70-77, 2015.

16 OLIVEIRA, TMS, SOUZA, FMLC. A participação do pai no ciclo gravídico puerperal. **Revista Cultural e Científica do UNIFACEX**, Bahia, v. 4, n. 1, 2017.

17 SAMPAIO, GMD, SILVA, LMBF, OLIVEIRA, MAS. Importância dopai no aleitamento materno e os desafios da enfermagem. Recife, 2013.

18 FERRAZ, L, OLIVEIRA, PP, ANTONIOLLI, MA, BENEDETT, A, BOSSETTI, V, ALMEIDA, K. Opinião das mulheres sobre a participação do pai no aleitamento materno. **Arquivos de Ciência e Saúde da UNIPAR**, Umuarama, v. 20, n. 2, 2016.

19 REIS, KP, GAMA, MG. O afeto como valor jurídico e seus reflexos acerca da licença-paternidade. **Revista Saúde UniToledo**, São Paulo, v. 13, n. 13, 2017.

20 ALMEIDA, S, PEREDA, P, FERREIRA, R. Custos da ampliação da licença a maternidade. **Revista Brasileira de Estudos da População**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 495-516, 2016.

21 BUENO, RK, VIEIRA, ML. Análise de estudos brasileiros sobre o pai e o desenvolvimento infantil. **Revista Psicologia Argumento**, Curitiba, v.32, n. 76, p. 151-159, 2014.

22 ANASTÁCIO, S, LIMA, LN. A relação entre a vinculação ao pai e á mãe e a empatia no início da adolescência. **Revista da Criança e do Adolescente**, Lisboa, v. 6, n. 1, p. 109-123, 2015



